



**DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CONFLITOS IDENTITÁRIOS EM A *ÚLTIMA TRAGÉDIA*  
DE ABDULAI SILA**

**ALDANEIDE SILVA PEREIRA**

**GUARABIRA/PB  
2010**

**Aldaneide Silva Pereira**

**CONFLITOS IDENTITÁRIOS EM A ÚLTIMA TRAGÉDIA  
DE ABDULAI SILA**

Artigo apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do *grau de licenciado em letras*, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, sob a orientação da prof<sup>a</sup>. Dr. Rosilda Alves Bezerra.

**Guarabira/PB  
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

P436c

Pereira, Aldaneide Silva

Conflitos identitários em a última tragédia de Abdulai  
Sila / Aldaneide Silva Pereira. – Guarabira: UEPB, 2010.

19f.

Artigo Científico (Trabalho de Conclusão de Curso –  
TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Rosilda Alves Bezerra”.

1. Identidade    2. Conflito    3. Guiné-Bissau  
I.Título.

22.ed. CDD 305

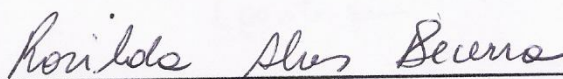
Aldaneide Silva Pereira

**CONFLITOS IDENTITÁRIOS EM A ÚLTIMA TRAGÉDIA  
DE ABDULAI SILA**

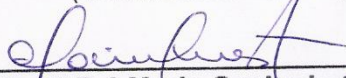
Artigo apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de licenciado em letras, à Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em 21 / dezembro / 2010.

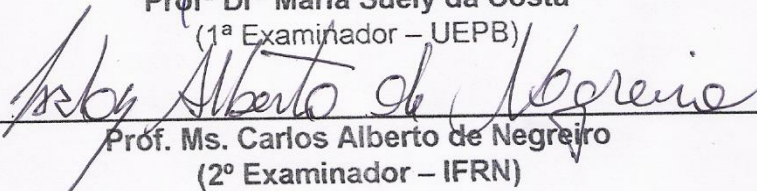
**COMISSÃO EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra  
(Orientadora - UEPB)



Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Suely da Costa  
(1<sup>a</sup> Examinador - UEPB)



Prof. Ms. Carlos Alberto de Negreiro  
(2<sup>o</sup> Examinador - IFRN)

## CONFLITOS IDENTITÁRIOS EM A ÚLTIMA TRAGÉDIA DE ABDULAI SILA

### RESUMO

Este trabalho pretende mostrar que o ser nacional não é assunto tratado claramente pelos estudiosos na Guiné Bissau, no entanto o pensamento identitário, a busca ou afirmação da identidade, individual ou coletiva é frequentemente tratada na literatura guineense, à luta constante de um povo em defesa de suas tradições mesmo sob o domínio colonizador. Numa tentativa de compreender as raízes e do porque das experiências humanas no território nacional, o romance *A última tragédia*, de Abdulai Sila, segue essa linha na narrativa que conta a história de Ndani que em meio a acontecimentos trágicos, não perdeu sua identidade. Assim como o Régulo de Quianhamel que impõe ao colonizador ser tratado com respeito, ao Professor, que aos poucos ultrapassa a estreiteza do pensamento discriminatório dos missionários, reconhecendo os valores tradicionais de seu povo. Abdulai Sila relata a violência dos portugueses armados com o chicote "civilizador", que surrupiou-lhes a língua, as crenças e tradições. A técnica de pesquisa é qualitativa e bibliográfica inserida nos estudos de contextualização, histórico e cultural e na análise das teorias seguidas de discussões e seminários. Para a organização teórica e analítica do trabalho, nosso apoio teórico serão os estudos de Hall(2005), Augel (2007), Silva(2000) e Fanon (2008).

Palavras-Chave: Identidade. Conflitos. Guiné Bissau.

# 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca mostrar os conflitos identitários que resultam de uma colonização numa sociedade marcada por diferentes grupos étnicos, e que ainda não conseguiu superar os resquícios dessa colonização. As literaturas Africanas de língua portuguesa nos mostram um pouco da história desses países: suas culturas, sua vida social e suas diferentes etnias.

O país africano escolhido foi Guiné-Bissau. Através do autor Abdulai Sila com o romance *A Última Tragédia*, com o qual visitamos os tempos ainda recentes em que Guiné-Bissau era colônia portuguesa. A literatura da Guiné-Bissau reflete os caminhos da emancipação bem como o estado emocional dos guineenses ante o que se considera traição dos ideais revolucionários por parte dos dirigentes. A produção literária contemporânea faz eco, na sua variedade, aos anseios e às preocupações da elite intelectual urbana, inconformada com a situação política e social do país no momento presente.

Neste trabalho a técnica de pesquisa qualitativa e bibliográfica será realizada em torno das teorias ligadas a identidade e sua representação no âmbito literário. As proposições que sustentam a pesquisa inseriram-se nos estudos voltados para a contextualização social, histórico e cultural da Guiné-Bissau. O texto analisado de Abdulai Sila, *A Última Tragédia* (2006), obra que remete a época em que a Guiné-Bissau era colônia portuguesa.

Para a investigação da história desse país e da cultura de seu povo foi utilizado *O Desafio do Escombro Nação, Identidade e Pós-colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau*, de Augel (2007).

A fundamentação se insere também na análise de textos teóricos que tratam das identidades culturais e de seu deslocamento no processo de globalização, conforme Hall (2005), Silva (2000), em *Identidade e diferença*. Também é abordado o artigo de Bezerra, *Ambivalência e relações de alteridade entre colonizador e colonizado em "A Última Tragédia" de Abdulai Sila* (2009), que destaca uma reflexão a cerca das tensões de ambivalência entre o colonizador convicto de seus poderes e o colonizado à procura de seus direitos.

## 2 ABDULAI SILA : UMA VOZ REPRESENTATIVA NA LITERATURA DA GUINÉ-BISSAU

Nascido em Catió, em primeiro de abril de 1958, o autor é engenheiro eletrônico, tendo feito sua formação em Dresden, na Alemanha (1979-1985). Em Bissau foi um dos que constituíram o pequeno núcleo de intelectuais fundadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, o INEP, instituição de reconhecimento internacional, que desenvolve estudos teóricos e aplicados na área das ciências políticas, econômicas e sociais. Abdulai Sila conhece bem seu país e suas lutas pela descolonização, em *A última tragédia* ele nos leva aos tempos em que o país ainda era colônia portuguesa e as tensões existentes entre uma ordem histórica, simbólica e política negro-africana e outra branco-ocidental, imposta pelo processo colonial. Abre as feridas de um sistema injusto e incoerente trazendo questões como o enfraquecimento de raças, em que a branca queria anular a negra, desvalorizando os ancestrais da terra. Na argumentação de Bezerra (2009 p.3), “o romance norteia a insistência de frisar a “inferioridade congênita do negro”, legitimado pela colonização e pela missão civilizatória atribuída, nessa época, ao branco”.

Falar de nação na África implica muitas revisões e muitas reformulações que estão sendo elaboradas, até o momento, apenas no nível intelectual, muito longe ainda de uma prática por parte dos governantes e igualmente muito longe da internalização de seu potencial autovalorativo por parte das camadas mais amplas da população. É a partir do discurso literário que a Guiné-Bissau está aos poucos processando o campo do pensamento identitário e a configuração do caráter nacional e hoje seus escritores se distanciam claramente da dicção hegemônica, restritiva, autoritária e monolítica que interpreta a nação como o aparato do poder ideológico do Estado.

Nos anos noventa o discurso literário encontra-se marcado pelo aparecimento dos primeiros romances na Guiné-Bissau, que refletem a busca identitária e devem encontrar saídas e soluções face ao violento processo de anulação das diferenças e das especificidades por que passaram os novos estados latino-americanos para escapar da neo e da auto-colonização. Nesse contexto, Abdulai Sila além de seu pioneirismo tem um papel da maior relevância. Encabeçando uma série de escritores guineenses, que cumprem

com a tarefa de desestabilizar e instigar a substituição do discurso demagógico da ideologia dominante, plasmando, com seus textos, a representação simbólica de uma comunidade de destino, de história e de cultura.

### **3 A TENTATIVA DE HOMOGEINIZAR UMA NAÇÃO X ANTICOLONIALISMO**

No mundo moderno são crescentes as paisagens políticas marcadas pelas rachaduras de identificações rivais, e constantes mudanças, nascida especialmente nos conflitos da identidade e, sobretudo, pelo surgimento de uma nova identidade, pertencentes à nova base política definidas pelos novos grupos sociais. Com isso a maneira como o sujeito é representado faz com que a identidade mude, essa identificação pode ser vencida ou perdida, constituindo-se uma mudança de uma política de identidade para uma política de diferença.

Segundo Hall (2003), as culturas nacionais não são compostas apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Estas representações influenciam e organizam a concepção que o sujeito tem de si mesmo e suas ações, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.

Uma nação é constituída por padrões de alfabetização universais e generalização de uma única língua vernácula que domine a comunicação em toda nação, criando-se uma cultura homogênea. No entanto a única coisa homogênea numa nação é a entidade política, ou seja, se ela é uma monarquia ou uma república. A identificação e o sentimento de lealdade que o sujeito colonizador tem por sua nação foram colocados de maneira subordinada para os africanos que sempre tiveram em toda sua região várias etnias, cada uma com sua língua, sua religiosidade enfim sua cultura particular.

Foi o que aconteceu com a Guiné-Bissau, colonizada por Portugal teve que obedecer a um regime político do qual sua participação era nula. Depois de séculos de influência e agora sendo um país independente ainda não se encontrou politicamente já que nunca tiveram participação ativa de poder. A identidade nacional é também baseada na idéia de um *povo folk ou puro, original*. Mas nas realidades do desenvolvimento nacional, á raramente esse



povo (*folk*) primordial que persiste ou que exercita o poder (HALL, 2005, p.54-5).

A Guiné-Bissau está situada na costa ocidental do continente africano, estendendo-se por uma área de 36.125 km<sup>2</sup>. A superfície habitável é de apenas 24.800 km<sup>2</sup>, devido às terras inutilizadas pelas inundações das marés fluviais e pelo alagamento causado pelas chuvas regulares e periódicas. Sua população é atualmente estimada em cerca de um Milhão e quinhentos mil habitantes. Em toda sua extensão ocidental, a Guiné-Bissau é banhada pelo oceano Atlântico. Além do território continental, acrescenta-se ainda o arquipélago dos Bijagó, com mais de 80 ilhas, muitas delas desabitadas, de vegetação tropical densa, separado do continente por diversos canais.

A história desse país por pouco não se confunde com as dos reinos mandingas, etnia mulçumana, vindos do Alto Níger, constituíram o Império de Mali e estendiam-se por uma imensa área na parte ocidental interior africana. O poder desses povos Islâmicos conheceu o apogeu nos séculos XIII e XIV dominando várias etnias que cultuavam os antepassados e as forças da natureza, e viviam sem hierarquia, e mesmo apesar de tudo guardaram suas culturas originais.

Os primeiros contatos com os navegadores portugueses ocorreram por volta de 1446 quando Nuno Tristão, vindo da costa senegalesa, aportou no trecho do litoral africano que veio a constituir mais tarde a província portuguesa da Guiné. O principal objetivo dos navegadores era a captura de escravos. O escravo era o bem mais valioso ao alcance dos portugueses e por esse motivo eles desciam nas praias africanas. Guiné-Bissau servia apenas como empório para a comercialização de escravos e não como colônia de assentamento.

No entanto com o enfraquecimento do tráfico escravagista, Portugal passou a dedicar-se à conquista territorial. Durante séculos, o território guineense foi administrado conjuntamente com o arquipélago de Cabo Verde e em Março de 1879, a colônia foi separada administrativamente de Cabo Verde e recebeu o nome de Guiné Portuguesa. Segundo Augel (2007, p.55). "A experiência dessa longa dominação colonial e da luta anticolonial está presente na memória coletiva e, mesmo para grande parte da população, na memória individual dos guineenses Apesar da superioridade militar dos

européus, eles só alcançaram vitórias mais duradouras no início do século XX. As revoltas anticolonialistas nunca deixaram de existir. Além de lutas armadas, resistência passiva, emigração, fuga, o não pagamento dos impostos, a recusa aos trabalhos forçados e ainda protestos contra uma agricultura voltada à exportação. Após anos de preparação com greves e sabotagens, e vendo que o cerco de repressões estava se estreitando, a ousadia dos insatisfeitos só aumentava. A luta armada tornou-se cada vez mais cruenta e desesperada. Durante onze anos em sistema de guerrilha, quase todo território guineense foi pouco a pouco conquistado. No entanto apenas após a queda do regime ditatorial português (25 de abril de 1974) Portugal reconheceu em 10 de setembro de 1974, a independência da Guiné-Bissau.

#### **4 A ÚLTIMA TRAGÉDIA: RELAÇÕES DE PODER ENTRE COLONIZADOR E COLONIZADO**

Assim como em toda colônia portuguesa na África os guineenses eram tratados com completa falta de respeito, cruel brutalidade com os “rebeldes” e total desatenção aos direitos humanos mais básicos. O romance *A última tragédia* relata um pouco dessa crueldade a que eram submetidos os nativos. O autor conta a história de Ndani, que foge de Biombo movida pelo desejo de conhecer o mundo dos brancos, e também para fugir do estigma de que é portadora da maldição de que carrega consigo a infelicidade. Na cidade grande torna-se criada e tem o mesmo destino das mocinhas de sua idade que aprendem não só a língua dos estrangeiros, como os seus costumes “civilizados”. Foi catequizada, batizada e alfabetizada pela patroa e violada pelo patão. No primeiro contato que Ndani tem com os brancos é tratada com desprezo, primeiro pelos que a atenderam quando a mesma batia as portas em busca de emprego que nem a ouviam e era logo dispensada mesmo quando era atendida pelas criadas que assim como ela também eram negras, mas que por serem “civilizadas” se consideravam melhores. Quando finalmente encontrou uma casa, que não havia criadas, se encheu de alegria, por que acreditava que seria logo aceita e convidada a entrar, finalmente beberia água e comeria algo já que estava com o estômago vazio o dia inteiro. Porém é nesse momento que ela conhece quão cruel o branco pode ser.

— Senhora, quer criado? Hmm?

A senhora virou-se para ela e seus olhares se cruzaram por um instante. Lembrou-se naquele momento de um dos ensinamentos da madrastra, que tinha dito que o criado nunca deve olhar o patrão no rosto quando este olha para o criado. Por isso ela baixou rapidamente o olhar, ampliando inocentemente a expressão de alegria. Mas esta também não durou muito. Foi repentinamente substituída por uma outra, fruto de uma mistura de surpresa e indignação. O jacto de água que apanhou na altura do peito provocou uma reação inesperada na rapariga que, colada ao portão, esperava tudo menos aquela atitude da mulher branca, que de repente deixara de fazer o trabalho que estava fazendo, de regar plantas, para regar a ela, que só queria ser criada (SILA, 2006, p.23-4).

Podemos ver nesta citação a maldade dos colonizadores, que não poupava ninguém, se comportavam como seres superiores. Esse comportamento é mostrado em todo o livro. Os guineenses são submetidos a se comportarem da forma como os colonizadores desejam, os nomes, as vestimentas, tudo tinha de ser como os brancos queriam. Ndani teve seu nome trocado para Maria Daniela.”O teu nome vai ser Daniela,ouviste? A partir de hoje, tu és Daniela, Da-ni –e-la. Maria Daniela e mais nada.”(SILA, 2006, p.31).

Para os colonizadores não bastava ter o poder administrativo da colônia, eles também se consideravam donos da população e sob imposição lhes ensinavam seus costumes, sua religião e sua língua, aqueles que não correspondessem a essa expectativa eram considerados rebeldes e ingratos, e eram duramente castigados. Ndani se comportava como a patroa queria, mas para ela freqüentar a missa era como lavar pratos, ela apenas cumpria sua obrigação, se comportava como “civilizada”, com atitude de aceitar os maus tratos dos patrões para não perder o emprego, ela vestiu a máscara branca para poder existir para o branco, segundo Fanon (2008) se não houvesse a opressão do colonizador, que no caso é o branco, nunca haveria a necessidade da máscara.

O patrão quer uma coisa, o criado faz. O patrão quer que o criado vá dormir cedo, o criado vai pra cama dormir é outra coisa. O patrão quer que o criado vá à igreja, o criado vai; se for durante o serviço, tanto melhor. Só uma coisa é que ainda não podia aceitar: o patrão pensa que o criado come muito, ela não vai comer pouco. Neste ponto, pode haver conflito se as coisas não forem bem geridas, se a senhora for muito exigente

e não quiser compreender que para o criado trabalhar muito bem tinha que comer bem. Isso é claro, mas às vezes custa fazer a senhora compreender. De qualquer maneira, o melhor era sempre evitar problemas, a gente nunca sabe até onde pode chegar a raiva do branco (SILA, 2006, p.45).

A patroa de Ndani é o retrato do colonizador, que comete barbaridades em nome da “missão civilizadora” se comportam como se estivessem salvando um povo de seus males, toda sua cultura, sua língua não tinham nenhuma importância para os portugueses pelo contrario, eles os tratavam como selvagens.

Durante o período colonial a administração e seus regulamentos estavam separados da vida social local, no entanto, para levar vantagem ou por conveniência o sistema político colonial muitas vezes estabelecia alianças junto ao poder tradicional. Uma aliança que durante o período das lutas libertárias era usado pelo poder colonial para enfraquecer o adversário, oferecendo-lhes vantagens e dividindo os africanos. Não pagar o imposto era um privilégio dos régulos.

O romance em vários momentos espelha a distância entre o mundo do colonizador e o mundo do colonizado, e mostra a tensão provocada pela interferência do administrador português e os choques com o chefe tradicional da aldeia. O Régulo, (chefes ou rei que exerciam autoridade e influencia sobre vastas regiões) de Quinhamel, Bsum Nanki, dirigia sua gente com sabedoria, mesmo com algumas ressalvas dos brancos pelo fato de ser analfabeto. Era um forte representante da resistência negra à colonização e à submissão aos portugueses, Bsum Nanki arrumou três conselheiros (Homens-Grandes) porque acreditava que era preciso conselheiros que o ajudasse a pensar. Segundo Bezerra(2009, p.7) esse poder do Régulo tinha relação com a força do poder militar que continuou até por volta da década de 1920, quando os comandos militares passaram a ser tarefa própria dos administradores das circunscrições civis.

Por causa da decisão de ter conselheiro o Régulo foi criticado até mesmo por seus parentes, que acreditavam que isso era coisa de branco.

Informaram que conselheiro mesmo, sem outro trabalho, só dar conselhos, isso é coisa de branco. Sim, só de branco, mas também só na terra dele. Lá é que tinham um sítio só para eles, que se chamava papiamento ou talvez parlamento. Era nesse sítio de djumbai que havia conselheiros, cujo trabalho era só discutir. Discutir sobre todas as coisas, inclusive sobre as maneiras de cansar os pretos cada dia mais. (SILA 2006, p.68).

O Régulo de Quinhamel resistia ao poder do colonizador, mas de forma pacífica, viviam em constante confrontação, sem usar de violência. Ele se mostrava receptivo não esboçava resistência. “O Chefe daquela comunidade tinha uma postura de digna independência e, se mandava presentes ao branco e aparentemente se submetia, fazia-o, na verdade, por conveniência” (AUGEL, 2007, p.306). Porém queria ser tratado com o devido respeito que um chefe merecia receber, e o não pagamento do imposto era uma delas.

Como o mesmo foi cobrado, ele mandou construir uma casa maior do que a do Chefe de Posto da coroa portuguesa na região. “O plano era construir uma casa grande e bonita como a do Chefe, com tudo igualzinho, ou melhor ainda.”(SILA, 2006, p.87). Com isso mostraria ao Chefe do Posto que podia tanto quanto ele, e para a vingança ser completa faltava uma mulher que entendesse de cuidar de casa de branco, em Biombo encontrou a mulher que preenchia todos os requisitos, era Ndani que foi obrigada a casar-se com o Régulo um homem bem mais velho que ela.

Aquela rapariga representava muito para ele. Muito mais do que podia imaginar. Não era só a vingança nem a mulher para cuidar da casa grande que estava construindo. Ela representava também o seu rejuvenescimento, novas energias de que precisava para a longa luta que ainda tinha pela frente. Aquele casamento era uma etapa do seu plano (SILA, 2006, p.99).

Após tantos anos de trabalho na casa de Deolinda, Ndani é vista como outra pessoa, agora educada pela cartilha do português, alfabetizada nos costumes europeus. Casou-se com o Régulo, mas foi rejeitada na noite de núpcias por não ser virgem, lembremos de que ela foi violentada pelo patrão quando trabalhava em casa de Dona Deolinda.

O Régulo pretendia levar a todos o conhecimento do valor do pensamento, era seu desejo que todos compreendessem que para lutar contra a opressão colonial não bastava só força era necessário Inteligência. Na região a educação dos colonizados era feita pelos missionários, que lhes ensinavam a língua do colonizador e os catequizavam. A maioria dos “civilizados” pelos missionários era contaminada com os pensamentos discriminatórios contra seu povo, sua cultura, em fim seus costumes. Para a escola de Quinhamel o Régulo conseguiu um professor formado no seminário católico da capital, era jovem e para espanto de todos era preto, o que gerou desconfiança sobre sua capacidade.

Era um rapaz ainda muito novo. Era preto, o que não agradou a muita gente. Um professor preto? Por que não um branco, como nas outras terras? O branco sabe mais, pode ensinar mais. Agora, o que é que um professor preto sabe? Ainda por cima com cara de criança que tinha acabado de sair da mama... Mas a senhora Dona Deolinda disse que ela era um bom professor que sabia muito bem o que ensinar aos alunos, que ele era do primeiro grupo de uma escola especial que tinham criado só para formar pessoas como ele, que iriam formar outras pessoas também como ele e assim por diante (SILA, 2006, p.103/104).

As próprias pessoas da localidade usavam argumentação do que pode ser chamado de legitimação dos estereótipos criados a respeito de quem pode ser ou não tratado com inferioridade, com isso julgam o professor sem conhecê-lo, somente pela cor de sua pele, influenciados pelo discurso colonial que tem como objetivo apresentar o colonizado como pessoas incapazes e inferiores com base na origem racial para assim justificar a conquista e estabelecer um sistema de administração.

O professor aos poucos foi se libertando do pensamento discriminatório dos missionários, reconhecendo os valores tradicionais de seu povo. Seu ideal como mestre não era transmitir a cultura do branco nem tão pouco anular a cultura existente, mas orientá-los para enfrentar as mudanças da modernização que não podiam mais ser evitadas.

Nesse contexto, percebemos o modo como os estereótipos são criações representativas dos objetos sociais, ou seja, tendem a carregar as deformações típicas que as colonizações se

serviram dessas criações estereotipadas dos grupos a que pretendiam colonizar de forma a submetê-los ao discurso do exótico e, assim, do que deve ser desacreditado (BEZERRA, 2009, p.10).

Era costume e uma forma de socialização na aldeia visitar o Régulo, assim fez o professor, o mesmo solicitou ao professor que escrevesse um testamento onde ele deixava ensinamentos e conselhos para toda família e para os que viessem a ocupar o seu posto. Como não sabia escrever ditava para que o professor escrevesse. No entanto o testamento não foi concluído, pois o Régulo morreu dois anos depois de casar-se com Ndani. Comentava-se na aldeia que desde que casou com Ndani o Régulo não era mais o mesmo vivia triste e a velhice chegou rapidamente, e atribuíam essa mudança ao fato dela ser portadora de tragédias

Recordaram-se do dia em que Ndani chegara a Quinhamel como a sexta mulher do Régulo; recordaram-se das tentativas infrutíferas de convencê-lo a anular e depois a cancelar o casamento com uma rapariga cuja vida tinha sido vaticinada como uma sucessão de tragédias (SILA, 2006, p.119).

Com as visitas constantes a casa do Régulo o professor e Ndani se apaixonaram. Depois da morte do Régulo resolveram partir para um lugar distante onde pudessem viver felizes longe dos olhares daqueles que acreditavam ser Ndani portadora de uma maldição. Foi em Catió que encontraram a felicidade que julgavam ser pra sempre “rodeados dos filhos ambos úteis e respeitados na comunidade onde se tinham integrado” (AUGEL, 2007, p.306). Lá o professor voltou a lecionar e também a participar dos jogos de futebol que eram tradição na localidade. Em um desses jogos o professor reage às agressões sofridas dentro do campo, o filho do administrador ao entrar no jogo passa a persegui-lo e percebendo que o juiz não interviria começou devolver na mesma moeda. “Deu-lhe uma staka tão bem dada que caiu de imediato e começou a gritar que os cachorros dos pretos lhe tinham partido o pé” (SILA, 2007, p.159). O administrador foi em direção ao professor e o esbofeteou, em uma mistura de fúria e desejo de vingança o professor revidou a agressão. Tal como seu pai tinha reagido muitos anos antes, e que por isso ganhou fama legendária.

Reagiu com rapidez. Desviou todo o tronco para trás e viu a mão passar perto do seu nariz, assobiando. No instante seguinte era o seu punho a embater nas bochechas do branco. Depois seguiu-se um outro golpe na face e outro ainda que fez sair jorro de sangue do nariz e um grito agudo da boca do Administrador. (SILA, 2007, p.159).

Todos ficaram surpresos e aguardaram as conseqüências, que seria a prisão do professor. A vingança do poder local não demorou muito, o professor foi acusado de ter assassinado o administrador, misteriosamente encontrado morto. Mesmo com todas as provas que comprovavam sua inocência o professor foi preso, condenado e degredado para São Tomé, um dos mais severos castigos que os colonizadores imputavam aos colonos rebeldes. Antes de ser deportado Ndani conseguiu autorização para ver o professor: “Ignoraram as barras de ferro e abraçaram-se com força. Ninguém disse nada. Pareciam ignorar o mundo à volta. Cada um pretendia sentir a presença do outro, confirmar que estavam juntos...” (SILA, 2007, p.179). A maldição que sempre acompanhou Ndani destruiu sua felicidade e continuou a persegui-la. A tragédia de Ndani se relaciona à discriminação e aos males que a sociedade colonial ocasionou aos povos colonizados. De certa forma, ela é a imagem metonímica de seu país.

Se, por um lado, a protagonista tem o corpo habitado por um mau espírito, descoberto pelo feiticeiro, que transforma sua vida numa sucessão de tragédias; por outro lado, toda a sociedade guineense tem seu território invadido por portugueses “maus” que desrespeitam a ordem preestabelecida pelas etnias, transformando o território de diferentes povos num único país (BEZERRA, 2009, p.13).

O autor expõe nesta obra as tensões e contrariedades de uma sociedade em que a raça está condicionada tanto nas relações sociais e políticas quanto nas econômicas e culturais. Com habilidade captura os conflitos entre a mentalidade do colonizador e do colonizado. Com as três personagens, Ndani, o Régulo e o Professor, Abdulai Sila traça o perfil do africano mentalmente emancipado, seguro de si. Essas personagens são a imagem contrária do colonizado servil e incapaz, “contrariando o discurso



colonial que asfixia o africano dentro dos limites rígidos do estereótipo, reflexo da arrogância do dominador que tantas vezes promoveu a desqualificação das culturas nativas pelos mais diversos meios” (AUGEL, 2006, p.12). Para a autora:

o conceito de apropriação simbólica parece indicado para analisar como se processa o espelhamento, na literatura, das questões ligadas à etnicidade. Os espaços vitais humanos são configurados pelas suas culturas específicas. Pode-se interpretar como pertencente à categoria da “apropriação simbólica” a internalização, por parte do indivíduo, do aparato simbólico dos elementos que constituem a marca cultural específica do espaço social do qual ele faz parte---tais como regras sociais, valores, códigos de comportamento e de ação e mesmo expectativas em relação aos papéis sociais a desempenhar (AUGEL, 2006, p.183).

É na literatura que os guineenses encontram espaços para questionar a respeito de identidade, e através de seus escritos literários tentam compreender o porquê das experiências humanas em seu território. Um sujeito descobre sua identidade por meio da diferença marcada em um sistema simbólico de representação ou em forma de exclusão social. É pela diferença que um sujeito reconhece sua identidade. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (SILVA, 2000, p.39).

Num território de extrema divisão étnica, a importância da identidade seja coletiva ou individual tem um peso ainda maior quando se tem em vista o futuro de uma nação. Com apenas três décadas de independência a Guiné-Bissau não é um país homogêneo, nem tão pouco seu passado oferece um sentimento de união e lealdade, pelo contrário desde sua fundação vive em tensões internas e lutas pelo poder.

No entanto, as personagens de origem guineense se sentem estrangeiras em seu próprio país. Para Fanon (2008), a situação de ser “estrangeiro em sua própria terra”, que atribui ao colonizado, na medida em que este se vê compelido a pautar sua vida cotidiana num comportamento e em valores que não externos à sua cultura.

A Guiné-Bissau como estado ainda está envolta em indefinições, herança indigesta do colonialismo, buscando uma identidade amolgadura para cimentar definitivamente as muitas pedras do seu mosaico étnico, fortuitamente ligadas pela argamassa das fronteiras arbitrárias levantadas pelas potências imperialistas (AUGEL, 2006, p. 266).

O povo guineense sempre viveu sob o domínio de outros e ainda por cima com diversidades étnicas tão significativas que o sentimento de pertença étnica ainda continua muito vivo, um exemplo disso é o número de línguas faladas no país, o português que é a língua oficial é falado por menos de nove por cento da população, a língua mais falada é a guineense (ou crioulo), as línguas étnicas continuam a ser faladas no seio de cada etnia.

Destacam-se o Balanta, o Fula, o Mandiga, o Mandjaco, o Pepel, o Beafada, o Bijago, o Mancanha, o Felupe e o Nalu. A unidade identitária que o colonizador tentou impor a colônia é na verdade, construídas no interior do jogo do poder e da exclusão, como resultado de uma totalidade natural e inevitável, mas de um processo naturalizado de fechamento. O que, aliás, vem a reforçar que as injustiças sofridas pelo negro com relação a sua imagem estão associadas a sistemas que detêm o poder até mesmo o poder de marcar a diferença.

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural ou social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p. 76).

Com o poder de marcar a diferença o colonizador dispunha da vida dos colonizados de forma cruel. Foi essa crueldade que condenou o professor mesmo sabendo que ele era inocente, e destruiu sua felicidade com Ndani que por ter sido afastada do seu amor morreu ao se jogar no mar acreditando está indo ao encontro dele.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tragédias que se sucedem no romance são movidas pelo desejo e pelo conhecimento de vencer as limitações que a ordem colonial representa aos sujeitos africanos. A ação do romance se passa em Bissau (capital), onde o poder e a influência do colonizador eram muito marcantes, sobretudo as localidades rurais do interior que pertencem ao mundo tradicional do país, que são Quinhamel e Biombo, povoados próximos a Bissau, e Catió que se localiza mais distante, no sul do país.

Ao rever o colonial, nas entrelinhas, Abdulai Sila deixa por tal razão, entrever que o pós-colonial pouco ou nada trouxe de novo à Guiné-Bissau, e essa, sim, pode ser a “última tragédia”.

No decorrer deste trabalho vimos que através de seu texto Abdulai Sila, busca as respostas para as causas dos conflitos que afligem seu país mesmo tendo conquistado a independência. Se inserido num contexto de nacionalidade que acaba de nascer, faz-se surgir fontes que simbolicamente indiquem uma identidade cultural.

Para descolonizar a cultura dependente é preciso substituir o sentimento de inferioridade, de incapacidade por um comportamento de auto-afirmação, assumindo a diferença como algo de positivo forte e fértil. Como a independência dos estados africanos é muito recente e sua diversidade étnica muito vasta, é nova a ideia de um país como um todo e não é possível simplesmente rejeitar suas origens, mas deve-se absorver o que interessa levando em conta a sua homogeneidade.

### Referências

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro**. Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2007.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Ambivalências e relações de alteridade entre colonizador e colonizado em A última tragédia de Abdulai Sila**. Anais do IV

Colóquio Internacional de cidadania Cultural: diálogos de gerações. Campina Grande: EDUEPB, 2009.

**Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.**

Brasília, DF, outubro de 2004.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução Renato da Silveira. Salvador: Editora da UFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILA, Abdulai. **A última tragédia.** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença.** A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.